

**A DIALÉTICA DA LIBERTINAGEM:
PORNOGRAFIA E DESLOCAMENTOS ENTRE OS POLOS DO AMOR E DO SEXO EM
FANNY HILL, DE JOHN CLELAND**

**LA DIALÉCTICA DEL LIBERTINAJE: PORNOGRAFÍA Y DESPLAZAMIENTOS ENTRE
LOS POLOS DEL AMOR Y DEL SEXO EN FANNY HILL, DE JOHN CLELAND**

Jhonatan Rodrigues Peixoto da Silva¹

Resumo: o presente artigo possui o objetivo de aviar uma análise acerca do romance *Fanny Hill*, de John Cleland (1748). O texto se desdobra em três momentos primaciais: inicialmente, demonstra-se como os textos pertencentes à tradição pornográfica da literatura tencionam não apenas excitar o leitor, em nível físico, mas também em nível intelectual, levando-o à reflexão crítica. Em um segundo momento, mergulha-se no universo do romance e o escopo recai nos deslocamentos e nas transições entre amor e sexo, percorridos pela protagonista Frances Hill, que denominamos dialética da libertinagem: mais do que uma narrativa que retrata a ascensão de uma prostitua, no cerne da diegese percebe-se que Frances transita entre os polos do amor e do sexo, refletindo toda a volubilidade e complexidade da natureza humana, o que torna o romance uma representação literária peculiar dentro do gênero pornográfico. Por fim, analisa-se o vocabulário empregado pelo autor. Não obstante ser *Fanny Hill* um romance pornográfico, a linguagem utilizada recorre a eufemismos, ao estilo pomposo e a ornamentações linguísticas refinadas, sem que isso feneça a força da linguagem pornográfica do romance supracitado. Para lograr tais objetivos, recorre-se a alguns teóricos como Dominique Maingueneau (2010), Alessandra El-Far (2007) e Robert Darnton (1996).

Palavras-chave: Literatura pornográfica; *Fanny Hill*; Dialética da libertinagem;

Resumen: el presente artículo tiene el objetivo de aviar un análisis acerca de la novela *Fanny Hill*, de John Cleland (1748). El texto se desdobra en tres momentos primaciales: en principio, se demuestra cómo los textos pertenecientes a la tradición pornográfica de la literatura pretenden no sólo excitar al lector, a nivel físico, sino también a nivel intelectual, llevándolo a la reflexión crítica. En un segundo momento, se sumerge en el universo de la novela y el alcance recae en los desplazamientos y en las transiciones entre amor y sexo, recorridos por la protagonista Frances Hill, que denominamos dialéctica del libertinaje: más que una narrativa que retrata el ascenso de una prostituta, en el centro de la diegese se percibe que Frances transita entre los polos del amor y del sexo, reflejando toda la volubilidad y complejidad de la naturaleza humana, lo que hace del romance una representación literaria peculiar dentro del género pornográfico. Por último, se analiza el vocabulario empleado por el autor. A pesar de ser *Fanny Hill* una novela pornográfica, el lenguaje utilizado recurre a eufemismos, al estilo pomposo y a las ornamentaciones

¹ Doutorando em Literatura Brasileira (UERJ) e Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

linguísticas refinadas, sin que eso fenezca la fuerza del lenguaje pornográfico de la novela arriba citada. Para lograr los objetivos, se recurre a algunos teóricos como Dominique Maingueneau (2010), Alessandra El-Far (2007) y Robert Darnton (1996).

Palabras-clave: Literatura pornográfica; *Fanny Hill*; Dialéctica del libertinaje;

1. Textos estimulantes para a mente e para o corpo: literatura pornográfica como veículo de crítica social²

Quando o Vício é pintado em suas Cores mais vulgares, não é para fazer com que as Pessoas o Amem, mas para expô-lo.

Daniel Defoe

Pornografia. Não raramente o termo tende a desconcertar as pessoas. Um silêncio constrangedor ou risos de troça costumam surgir após o seu uso. Por alguns execrada e vilipendiada, lançada ao antro das imoralidades; por outros admirada com tanta pujança que lhes parecem ser os desejos e sua consumação um *leitmotiv* para a vida. Contudo, não obstante o nível de convenções morais no qual o indivíduo se encontre, o léxico pornografia tende mesmo a suscitar e a engendrar impressões pejorativas ou surge associado a usos que objetivam denegrir, depreciar ou difamar. Em contrapartida, a pornografia, ou o dispositivo pornográfico, pensando nas mais variadas instâncias de expressão em que podemos vislumbrar o conteúdo pornográfico (filmes, livros, pintura e afins), tende a ser associada à obtenção e à consumação dos desejos/prazeres, tendo um fim em si mesma. O prazer pelo prazer. Se o senso comum declina a uma concepção de pornografia estando estritamente voltada à obtenção de prazer, como se sua função se resumisse a isso, por outro lado, ao retrocedermos alguns séculos e nos atentarmos à história da pornografia, neste texto com ênfase ao estrato literário, ficaremos cômnicos de que o conceito pornografia suplanta os estigmas e estereótipos que a constituem atualmente.

É relevante assinalar que o vocábulo pornografia é de registro relativamente recente, como podemos asseverar ao lançar mão das palavras de Alessandra El Far:

² Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Como se sabe, a palavra pornografia, cuja raiz etimológica significa ‘escrever sobre prostitutas’, foi usada pela primeira vez na França, no ano de 1769, no tratado de Restif de la Bretonne, intitulado *Le pornographe*, que defendia a prostituição legalizada e controlada pelo Estado. (EL FAR, 2007, p. 193)

‘Escrever sobre prostitutas’ ou ‘quem versa sobre prostitutas’ são expressões que retomam a acepção etimológica do vocábulo pornografia, sem olvidar o fato de que ‘*porné*’, no grego antigo, vem a designar, de fato, prostituta. A significação original do termo praticamente se diluiu conforme a passagem do tempo, pois, ‘progressivamente, a referência à prostituição desapareceu, e ‘pornografia’ veio a designar qualquer representação de coisas obscenas” (MAINGUENEAU, 2010, p. 13).

Essa transição de acepções, em que o significado original foi esvaindo-se até chegarmos à ‘representação de coisas obscenas’, coloca-nos diante de um dos problemas mais insígnies e complexos no que tange à pornografia: a sua definição. Erigir uma conceituação de pornografia que se apresente como segura e inconcussa parece-nos uma tarefa tão hermética quanto aduzir uma definição de literatura. Afinal, ambos os conceitos são instáveis, cuja significação variante esteve quase sempre submetida ao contexto social e à percepção epistemológica e histórica de um determinado grupo de indivíduos. Aquilo que depreendemos como pornográfico carece de uma forma fixa e indubitável, seus traços não são bem delineados. O fenômeno pornográfico, e aqui preconizamos que discorreremos acerca da literatura pornográfica, é proteiforme e flutuante, submetido às variações históricas e sociais no que concerne ao lícito e ao ilícito, à moral e ao imoral, pois a “depende dos lugares e dos momentos, o rótulo pornográfico foi colado a produções que, em outros tempos ou em outros lugares, certamente não seriam listadas nessa categoria” (MAINGUENEAU, 2010, p. 14). Robert Darnton, em seu exponencial texto *Sexo dá o que pensar*, apresenta uma conceituação que se desdobra em duas perspectivas. Elas pertinentemente nos servem como referência ou premissa conceitual:

Para alguns, o termo pornografia deveria ser restringido à sua raiz etimológica (que significa ‘escrever sobre prostitutas’), diferenciando-o do erotismo em geral. Para outros, a pornografia envolve descrições de atividade sexual que violam a moral convencional e são calculadas para excitar o leitor ou espectador”. (DARNTON, 1996, p. 23)

Darnton não é ingênuo e, ciente da fragilidade dessas definições e em convergência ao pensamento de Maingueneau, escreve um pouco adiante: “o problema de tais definições é que as práticas e os tabus sexuais estão sempre mudando” (DARNTON, 1996, p. 23). Voltamos, então, à ideia-matriz da variabilidade flutuante da definição e do rótulo daquilo que entendemos como literatura ou expressão pornográfica.

Em suma, a categoria dos textos pornográficos não é constituída por um estatuto fechado e dogmático, por isso, abjuramos aqui de quaisquer tentativas e ensejos de distinguir e pôr em linhas teóricas paralelas as categorias erótica, libertina e pornográfica, visto que, não raras vezes, elas convergem e se coadunam, tornando obscuras as suas linhas fronteiriças ou fazendo da distinção mero capricho conceitual e sistematizador. O que nos interessa essencialmente na descrição de Darnton é o excerto “descrições de atividade sexual que violam a moral convencional”, pois aqui reside a substância de nossa tese: a literatura pornográfica é transgressiva e insurreta, *excita-nos a carne, incita-nos o espírito*: é estimulante para mente e para o corpo.

Se em tempos coevos a pornografia parece remeter à estrita obtenção de prazer e à consumação dos desejos sexuais, torna-se imprescindível asseverar que essa percepção atual acerca da pornografia difere em demasia dos preceitos ideológicos presentes desde o limiar do gênero. A literatura pornográfica, do início da era moderna, disseminava-se como um veículo de crítica social, religiosa e política. Ela “atacava as teorias que justificavam a autoridade política e zombava da representividade da autoridade” (HUNT, 1999, p. 186). O sexo presente nas obras, sempre subversivo, agia como uma alabarda contra a hipocrisia social: a devassidão dos nobres, a concupiscência dos religiosos, a exaltação de preceitos morais e conservadores que iam de encontro às necessidades da natureza humana, o que engendrava certa repressão à liberdade sexual, tudo era desvelado e exposto pelos textos pornográficos, em uma caricatura textual que espezinhava os paradigmas da moralidade. A literatura licenciosa punha em notória evidência uma sociedade casada formalmente com as convenções morais, mas que furtivamente flertava com os desvirtuamentos corrosivos e depravados da carne.

A literatura de cunho pornográfico infundia a reflexão crítica. A diegese, o universo ficcional criado, com suas personagens vivenciando enredos e situações que desvelavam as mazelas e as hipocrisias sociais, possibilitava ao leitor a contemplação crítica, a partir da ficção, acerca do que ocorria em sua própria realidade. O caráter insurreto e de

insubordinação do texto pornográfico era tão familiar a seus leitores que tais textos eram vinculados ao conjunto de textos filosóficos. Grosso modo, é razoável que se conceitue os textos filosóficos como um conjunto de ideias e pensamentos profundos que incita o leitor a uma série de reflexões. Ainda que não constituindo um gênero delimitado, a pornografia, como destaca Darnton, era filosófica:

A pornografia do começo da era moderna não parecia formar, aos olhos dos contemporâneos, um gênero literário distinto e bem definido. Ao invés disso, pertencia a uma categoria geral, conhecida como 'filosófica'. Editores e livreiros setecentistas usavam a expressão 'livros filosóficos' para designar sua mercadoria ilegal, fosse ela irreligiosa, sediciosa ou obscena. (DARNTON, 1996, p. 24)

A natureza filosófica e amotinadora dos textos pornográficos, todavia, foi diluindo-se e estiolando. O que antes excitava mente e corpo, e era imbuído de um pesado teor político, cerceou-se ao estímulo de prazer nos leitores. Excitar era o objetivo primacial. Essa perda das significações ideológicas, sejam políticas ou sociais, ocorre no fim do século XVIII, período em que “a pornografia começou a perder suas conotações políticas e tornou-se um negócio comercial” (HUNT, 1999, p. 43).

Não obstante a esse fenecimento das características mais críticas dos textos pornográficos, o primacial é chamarmos atenção para a natureza crítica e filosófica da literatura pornográfica, tornando-nos cômicos de que tais textos suplantam, na maioria das vezes, o estigma de serem circunscritos apenas como relatos lúbricos e vulgares. Desvelar a hipocrisia social, atacar as autoridades políticas, posicionar-se infensa à intransigência e à opressão religiosas e contribuir para a desconstrução paradigmas morais dúbios são apenas alguns dos posicionamentos ideológicos que podemos entrever na tessitura textual dos textos pornográficos. Histórica e preponderantemente, a literatura pornográfica sempre foi de oposição, marginal e transgressiva, antitética ao sufocante despotismo moral que envenena os sistemas sociais. Tratava-se de textos que, ao usarem os atos sexuais e as descrições destas atividades como ferramenta de crítica social, estimulavam e excitavam o corpo e a mente de seus leitores. A literatura pornográfica aviava rigorosamente aquele ínculto princípio conceitual horaciano referido à literatura em geral: ela instrui ao mesmo tempo em que deleita, é agradável, estimulante e útil. Resgatando as argutas palavras de Robert Darnton, sexo dá o que pensar.

Exposta a natureza filosófica e crítica da literatura pornográfica, passemos à análise de um dos clássicos do supracitado gênero, sob o viés dialético amor x sexo: *Fanny Hill* (1748), de John Cleland.

2. O amor como tempero clássico do gozo: ponderações acerca de *Fanny Hill*

Pois tudo o que eu era capaz de pensar era que eu estava então em contato, ao mesmo tempo, com o instrumento do prazer e o sinete real do amor

Frances Hill

Delimitar com precisão e segurança os atributos imanentes ou extrínsecos ao texto literário que permitam legitimá-lo como literatura pornográfica é uma tarefa quase inexecutável, talvez contraproducente, se levarmos em consideração certas peculiaridades engendradas pela passagem do tempo e as mudanças que ela acarreta: as variações das convenções morais, as fronteiras entre o lícito e o ilícito sempre mutáveis e a idiosincrasia instável de sociedades inseridas em seus contextos históricos. Todavia, o romance pornográfico/libertino *Fanny Hill* ou *Memórias de uma mulher de prazer* (1748), de John Cleland representa aqueles insólitos casos em que podemos asseverar convictos de que estamos diante de uma lídima e clássica narrativa pornográfica, que está “interessada em estimular o leitor a sair momentaneamente da ficção para alcançar ele também o gozo desejado” (ELFAR, 2007, p. 212). A jovem mulher inocente e ingênua que perde os pais na adolescência, encontra-se desamparada no mundo, relegada socialmente, sem perspectivas e que, assim, é levada irreduzivelmente pelas correntezas de uma sociedade turbulenta e turva que desembocarão em uma vida de meretriz ilustre. *Fanny Hill* é precisamente a narrativa que apresenta a trajetória de uma rameira: a passagem da introita ingenuidade à posição de mulher sexualmente livre que alcançou a riqueza por intermédio dos prazeres da carne. O título variante, em sua versão em português, possui a excelência sintetizadora do próprio enredo do romance: *Voo da inocência ao auge da prostituição ou memórias de miss Fanny*.

O romance de John Cleland indubitavelmente está inserido entre os cânones da literatura licenciosa, em um conjunto de textos que nos remete a obras memoráveis no que tange à pornografia, tais como *Teresa Filósofa* e *Serões do Convento*, para citar apenas duas. Não seria temerário asseverar que *Fanny Hill* é o romance libertino por excelência, visto que é imbuído dos traços estruturais³ mais comuns ao gênero, e que, “possivelmente, *Fanny Hill* é o romance pornográfico mais lido de todos os tempos” (HUNT, 1999, p. 21), sendo traduzido para diversas línguas no decorrer do século XIX. Os termos pornográfico e libertino, quando em alusão à obra de Cleland, foram e serão usando alternadamente, pois, como já expomos, não se constitui um escopo nosso realizar a hermética e minuciosa distinção entre categorias tão contíguas como as que se referem ao erótico, ao obsceno, ao pornográfico e ao libertino, e pouco produtivo seria de acordo com nossos objetivos. Por ora, e a fim de familiarizar o leitor à narrativa, passaremos a uma lacônica exposição da trama ficcional do romance de Cleland.

Fanny Hill é uma narrativa que apresenta ao leitor a ascensão de Frances Hill à fortuna, à felicidade e ao amor, por intermédio da libertinagem, da volúpia e do seu trabalho como prostituta. O enredo, embora capciosamente frugal, é sinuoso, marcado pelas vicissitudes vivenciadas por Fanny; traz, sob o molde da ficção, críticas à tartufice moral, à condição sempre instável das rameiras e às superficialidades ornamentais e supérfluas dos títulos aristocráticos. Todavia, é abundante em esmeradas cenas explícitas de sexo e de fetiches, idôneas a excitar o leitor que decidir aventurar-se pela tessitura ficcional de *Fanny Hill*. Crítica e prazer, ou, em outros termos, reflexões sociais associadas à obtenção de prazer efêmero: a catarse atinge concomitantemente o nível intelectual e físico, corroborando a ideia de os textos pornográficos se mostrarem duplamente estimulantes ao indivíduo. No entanto, a possibilidade de *Fanny Hill* ser lida apenas como obra literária para se entreter e se excitar também existe e certamente muitos leitores assim procederam e não há equívoco algum em assim se relacionar com a obra.

³ Ao discorrer sobre pornografia e libertinagem, Leonardo Mendes arrola algumas características da tradição libertina, sejam elas temáticas ou atinentes a estratégias narrativas: “a personagem mulher dona de seu destino, a centralidade do corpo e do sexo, o anticlericalismo e o *voyeurismo*, assim como a elocução calma e distanciada que evitava julgar” (MENDES, 2016, p. 353). Todos esses traços compõem e se fazem presentes no romance *Fanny Hill*, havendo apenas, como ligeira dissensão, a excepcionalidade de Fanny preconizar o amor com a mesma deferência que tem pelo sexo, não estando centrada apenas no sexo.

O romance é dividido em duas partes, ou, mais precisamente, em duas epístolas. Com uma narração autodiegética centrada na figura do narrador, Fanny narra suas venturas e agruras, em um tom confessional e/ou autobiográfico, em duas longas cartas para um interlocutor cuja identidade permanece velada ao leitor, só o gênero do destinatário das cartas é revelado, uma vez que Fanny se dirige a uma 'senhora'. A esta, no limiar da primeira carta, a narradora escreve: "pintarei as situações tais como elas realmente me surgiram ao natural, sem me importar em violar aquelas leis de decência que jamais foram feitas para intimidades sem reservas como as nossas" (CLELAND, 1997, p. 43), o que avaliza-nos presumir que a 'senhora' é uma pessoa de confiança de Fanny, e o seu discurso já concede um auspicioso anúncio da franqueza e da transparência das narrativas sexuais que surgirão no romance.

A partir de então Fanny enceta sua narrativa, partindo da época em que sua ingenuidade parecia atingir o zênite de sua doce ignorância mundana, quando ainda tinha 15 anos. Ela revela ter perdido os pais, acometidos pela varíola, e, sozinha no mundo, tem como único vislumbre de sobrevivência tentar a vida em Londres. Lá, inocentemente, Fanny é arregimentada para uma casa de meretrizes, dando início ao longo, detalhado e prazeroso (sobretudo para o leitor) processo que compreende desde a perda da ingenuidade/virgindade de Fanny, enquanto ainda era uma tenra menina advinda do campo, até o momento em que ela logra o seu estado de mulher pública e sagaz, quando a narradora, já rica e estabilizada como rameira, encerra então sua confissão/narrativa. Nesse ínterim, Fanny é submetida a diversas vicissitudes que a colocarão em uma sucessiva sequência de relações sexuais com os mais diversos tipos de homens. Seguindo o ritmo do Destino de Fanny, o romance vai aduzindo ao leitor uma variedade de situações licenciosas e transgressoras: estupros, tentativa de estupro, aborto, sexo lésbico, fetiches estrambólicos, sadomasoquismo, sexo com deficiente mental, sexo com desconhecido, clássicas orgias, traições, virgindade dissimulada vendida sub-repticiamente como verdadeira, verdadeiras perdas de virgindades, masculina e feminina, sexo homoerótico e, claro, sexo romântico, pois, não podemos deixar de ressaltar, Fanny tenta "mostrar que o vício também pode levar à virtude e que existe uma diferença entre o amor sexual e o erótico" (WAGNER, 1997, p. 27).

E é exatamente o Amor o nosso cerne reflexivo, pois, embora seja literatura pornográfica, *Fanny Hill* não é apenas um romance espúrio e vulgar sobre sexo, mas

também é uma história que discorre sobre o ‘amor verdadeiro’, por mais que esse amor tenha sido quase dilapidado diante das conjunturas experimentadas por Fanny. Esse ‘amor’, tal como nos clássicos ‘romances românticos’ não se mostra facilmente tangível e vivenciável, não sem antes compelir a personagem amante a uma árdua e laboriosa empreitada ou epopeia em prol do amor. Em *Fanny Hill*, não obstante toda a efusão sexual-carnal, o amor tem um espaço considerável no imaginário da narradora-protagonista, ainda que o destino tenha, amiúde, empurrado Fanny para o estrato do sexo, afastando-a por muito tempo do estrato do amor. Esse deslocamento entre amor e sexo, experimentado por Fanny, chamamo-lo dialética da libertinagem, em explícita alusão ao célebre ensaio *Dialética da malandragem*, de Antonio Candido.

No ensaio que analisava as *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, Candido, sintetizando, asseverava a existência de dois polos bem definidos: o da ordem e o da desordem. E que, embora as personagens do romance, como tipos representativos de indivíduos da sociedade, estivessem aparentemente bem posicionadas em um dos polos citados, a propensão era a que todas as pessoas, em algum momento, transitassem entre os polos de ordem e da desordem, ninguém era absolutamente depurado e moralizado, assim como ninguém era absolutamente imoral e transgressor. Sendo a natureza humana complexa e volúvel, todos estariam propensos a deslocarem-se entre ordem e desordem. Se nós substituirmos ordem e desordem por amor e sexo, a mesma lógica poderá ser aplicada à personagem Fanny Hill, como veremos adiante.

Assim como a maioria dos indivíduos se desloca entre ordem e desordem, moralidade e imoralidade, alguns indivíduos também transitam, por variados motivos, entre os polos do amor e do sexo. Miss Fanny reifica isso no plano da ficção. A peculiaridade da personagem consiste em discrepar de dois paradigmas de personas: Fanny não é a personagem que parece ser constituída apenas de amor e paixão, criada para amar, caractere idealizado nos romances tradicionais; contudo não é apenas movida pelo sexo e pela lascívia, não se apresenta como uma vontade de sexo constante e personificada, perfil comum em alguns romances pornográficos. Fanny é a síntese desses dois modelos, ela concatena os ideais do amor e do prazer. Ela transita entre eles.

A narradora-protagonista é vítima de um exacerbado amor que ela mantém por Charles, um jovem “rapazinho louro, entre dezoito e dezenove anos” (CLELAND, 1997, p.

104) figura que, no início da narrativa, incentiva-a a fugir da casa de prostitutas onde estava alojada, enquanto ainda era virgem. Trata-se de um amor que nasceu segundo os moldes clássicos do clichê romântico: à primeira vista, na intensidade e no lampejo de ‘um raio’:

Mas quando cheguei mais perto, para ver o desgarrado adormecido, céus! Que visão! Não! Nem o passar dos anos, nem as voltas da fortuna poderiam jamais apagar a impressão que a sua forma me causou, como se eu tivesse sido atingida por um raio... Sim! Objeto adorado da minha primeira paixão, convoco para sempre a lembrança da tua primeira aparição diante dos meus olhos deslumbrados- ela te evoca, neste momento; e te vejo agora! (CLELAND, 1997, p. 104)

A seta do amor atingira-lhe pujante e certa. A figura de Charles irrompe, então, como a representação do amor verdadeiro que Fanny mantém e cultiva durante toda a narrativa. Após ajudar Fanny a fugir da casa de meretrizes, Charles passa a sustentá-la e a visitá-la em um modesto quarto alugado para ela, e é ele quem a deflora, quem dissipa a virgindade da até então ingênua e jovem Fanny. Charles propicia-lhe sensações e experiências que ‘só o verdadeiro amor conhece, e que a mera luxúria jamais poderia atingir’ (CLELAND, 1997, p. 112).

Sabemos que nada na estrutura de um romance é aleatório ou ali se encontra sem que haja alguma significação, pois, como uma construção ficcional elaborada pelo autor, tudo no romance é premeditado e é resultado de um trabalho estético-linguístico. Levando isso em consideração, precisamos chamar atenção para o fato, muito significativo, de que a primeira relação sexual de Fanny Hill, feita com penetração que resultou na perda de sua virgindade, foi ornamentada pelas motivações amorosas: ela fez sexo com quem amava. Isso endossa a relevância que a personagem concede ao amor, visto que ela já havia tido, antes de conhecer Charles, oportunidades de se entregar às práticas sexuais em que apenas o prazer e a profissão de meretriz estavam em jogo.

Desafortunadamente, pela não anuência do pai de Charles à relação que seu filho mantinha com uma ‘mulher do mundo’, além de certa inveja e ressentimento pelo fato de a avó de Charles aparentemente amar mais o neto do que o filho, Fanny e Charles são separados, quando este é enviado, ludibriado, a uma longa viagem, deixando Fanny desamparada e nas mãos de uma nova cafetina.

Entre os polos do amor e do sexo, podemos elencar as etapas vivenciadas por Fanny no decorrer da narrativa: em um primeiro momento, há a etapa da iniciação sexual, à qual Fanny é submetida, compartilhada com uma mulher mais velha e experiente, seguindo a tradição pornográfica/libertina da iniciação sexual lésbica⁴. Em um segundo momento, Fanny é ‘vendida’ a um homem mais velho e detestável a seus olhos, ela o recusa veementemente, evita seu próprio estupro e não cede ao sexo pelo sexo, por dinheiro. O terceiro momento concerne à perda da virgindade e à iniciação sexual de fato, que só ocorre com Charles, rapaz pelo qual Fanny cultivava um amor fremente. É a etapa do descobrimento não apenas do sexo, mas também do amor. Por algum tempo, Fanny experimenta meses de êxtase e de felicidade imensuráveis. O quarto momento condiz à cisão, à separação forçada de Charles e Fanny. Seguem-se as etapas da breve relutância e da resignação, em que, vendo-se separada de seu amante, sem saber seu paradeiro e precisando sobreviver, ela entregar-se-á de vez à vida de meretriz e encetará uma miríade de relações sexuais cujos únicos objetivos são a obtenção de prazer, ‘quando o prazer morre pelo prazer’ (CLELAND, 1997, p. 159) e o faturamento financeiro provenientes dessas relações. Fanny se afeiçãoou a alguns de seus parceiros, podemos citar o caso de William, um criado que ela manipulou para vingar uma traição. Rapaz pelo qual a narradora demonstrou grande afeto; no entanto, uma afeição embasada apenas pelos prazeres do gozo carnal, pois, segundo Fanny, e seu discurso aplica-se aos outros casos e relações que ela manteve no decorrer do romance, “havia algo mais que faltava para criar em mim e constituir a paixão do amor” (CLELAND, 1997, p. 160). Fanny Hill, então, encontrava-se totalmente deslocada ao plano do sexo.

A última etapa, porém, refere-se à remição dos sentimentos latentes e ao reencontro com seu dileto Charles. É o deslocamento derradeiro do plano do sexo para o plano do amor. Quando Fanny perde o homem com o qual estava envolvida, um rico senhor de mais de sessenta anos, acometido por uma pneumonia, ela herda todos os bens de seu companheiro e se encontra aos 19 anos, “à testa de uma fortuna tão grande” (CLELAND, 1997, p. 283), estando “no auge e esplendor da juventude” (CLELAND, 1997, p. 283).

⁴ Sobejam os casos em que, na literatura pornográfica, a iniciação sexual feminina ocorre com mulheres, mormente mais velhas e experientes, em ambiente doméstico. Geralmente “as meninas passavam por essa iniciação[sexual] ao lado de outras mulheres. Invariavelmente, experimentavam com amigas, preceptoras, primas ou parentes mais próximas as potencialidades de seus corpos” (EL FAR, 2007, p. 236). Fanny não se desvia do estereótipo e encontra em Phoebe, uma espécie de preceptora designada a ambientar Fanny ao mundo da prostituição e a certificar-se de que a narradora era virgem, a mulher com quem terá suas primeiras descobertas e experiências sexuais.

Senhora de si, mulher independente e experimentada pela vida, Fanny, não obstante a sua opulenta e confortável situação, consterna-se pela ausência de Charles, seu grande amor. A saudade a malogra e lhe surge como estorvo ao regozijo de suas conquistas:

Mas, ai! Quão facilmente o gozo das maiores delícias da vida, que eu agora possuía, era envenenado pela nostalgia de uma única ausência! Mas essa minha nostalgia era forte e justa, uma vez que tinha por objeto o meu único e verdadeiro amado, Charles. (CLELAND, 1997, p. 284)

Em seguida, Fanny confessa que, apesar das inúmeras felonias cometidas, seu coração permaneceu inexpugnável, tendo apenas um senhor: “mas esquecê-lo nunca esqueci e, em meio a todas as minhas infidelidades pessoais, nenhuma causou a mínima impressão num coração impenetrável à verdadeira paixão amorosa, senão por ele” (CLELAND, 1997, p. 284).

Em uma espécie de epifania amorosa, Fanny se torna cônica da impossibilidade de ser feliz, ainda que seja dona de uma vultosa fortuna, se não tivesse Charles ao seu lado. Resumidamente, após alguns contatos e buscas, ela reencontra Charles e eles voltam a ficar juntos, casam-se, Fanny se torna mãe, algo atípico em narrativas pornográficas. Miss Fanny retorna, então, definitivamente ao plano do amor.

É plausível pensar que a personagem Fanny Hill seja uma metonímia da natureza humana: volúvel e hermética. Ao deslocar-se entre os planos do amor e do sexo, ela talvez tenha feito o sinuoso percurso pelo qual todo indivíduo transita: aquele que oscila entre as virtudes e os vícios. Fanny, porém, suplanta o extremismo dos polos antitéticos: ela é a síntese dessa dialética da libertinagem, aquela que só consegue alcançar a felicidade na interseção, na união entre amor e sexo, como a própria narradora relata:

Senti em meu âmago, senti a lâmina prodigiosamente cortante com que o amor, presidindo a este ato, afiava a ponta do prazer. Amor! Que ele possa ser considerado com *o tempero clássico do gozo*; porque, de fato, sem ele, o gozo, por maior que seja, ainda assim é vulgar, num rei ou num mendigo; pois *é sem dúvida apenas o amor que o refina, enobrece e exalta*. (CLELAND, 1997, p. 293. Grifos nossos)

Para Fanny, o gozo verdadeiro e intenso só é tangível se estiver coadunado ao amor. A concomitância entre amor e sexo constitui a plenitude do ato sexual, o seu paroxismo. O amor como elemento enriquecedor da experiência sexual, potencializando-

a. Aquele que ama, lembremos um excerto de O *banquete*, de Platão, “é possuído por um deus” (PLATÃO, 2011, p. 25) e, de fato, isso deve representar um diferencial, quando jungido harmonicamente ao sexo.

Embora seja uma narrativa pornográfica/libertina, a presença do ‘amor verdadeiro’, que pode causar certo estranhamento, a princípio, ao ser abordado em textos de natureza lasciva, está em consonância ao estatuto da tradição libertina. O herói libertino está apto e suscetível a amar, ainda que normalmente ela seja desviado de seu idílio:

Ora, o amor verdadeiro, do qual ele [o herói] se afastou por vaidade ou apetite sexual, não está ausente no romance libertino. Com frequência o objeto ideal está presente desde o início, mas no limiar do labirinto social, extraviado pelos preceptores imorais, o herói não tendo sabido reconhecer seu valor ou dedicar-se a alcançá-lo. Ele foi desviado da verdadeira busca, lançado nas falsas pistas da mundanidade. (NOVAES, 1996, p. 180)

Fanny não se afastou de seu amor, que surge logo no início da narrativa, por prosápia ou por paixões carnisais, mas por adversidades familiares, sociais e de classe. E, movida por uma pujante volição e obstinação, além do vazio e da nostalgia engendradas após o enriquecimento por intermédio de sua profissão meretrícia, ela reencontra e reconcilia-se com o objeto amado. Fanny desloca-se entre Amor-Sexo-Amor, respectivamente, no interior do romance, compondo a dialética da libertinagem.

3. Linhas derradeiras: redenção à virtude e o vocabulário empregado

Os prazeres da virtude não aguentam uma comparação com os do vício; mas permita que a verdade ouse expô-lo sob a sua luz altamente sedutora, e então, observe!

Frances Hill

No fim da narrativa, ou seja, nas derradeiras linhas da segunda epístola que Fanny escreve para uma ‘senhora’, sua interlocutora, a narradora avia uma justificativa que serve de esteio e de motivo incitador para que ela tenha narrado e descrito suas peripécias sexuais com tanto esmero e minúcias: o vício e a volúpia foram devassados e

retratados em seus pormenores a fim de enaltecer e exaltar seus sacrifícios em prol da virtude. Fanny legitima a necessidade de sua narrativa embasando-se em seus ideais pedagógicos em construir uma narrativa que ponha os vícios em evidência, seu relato representa um incenso que ela queima à virtude:

Se, pois, me fizer justiça, me considerará perfeitamente coerente no incenso que queimo à virtude; se pintei o vício em todas as suas cores mais alegres, se o adornei de flores, foi puramente a fim de tornar mais valoroso e mais solene o seu sacrifício à virtude. (CLELAND, 1997, p. 297)

Provavelmente, uma estratégia narrativa elaborada por parte do autor para uma personagem que desfruta dos mais voluptuosos prazeres da vida e alcança a ascensão financeira e a felicidade por intermédio deles. Afinal, Fanny não é punida pelas desmesuras carnavais perpetrada por ela: não morre, não adoece, não é acometida por uma decadência moral ou social, conjunturas habituais às rameiras ficcionais. Ela finda o romance opulenta e no ápice da felicidade existencial. Aventamos aqui a possibilidade de haver uma intenção pedagógica da narradora “que pretende, por seu exemplo, tornar-se útil às gerações vindouras” (NOVAES, 2006, p. 178), algo habitual na configuração do herói libertino. Ao pôr em evidência o vício, contrastando-o veementemente com a virtude, esta tende a rutilar, exibindo sua preponderância, realizando quase uma redenção ou ode à virtuosidade, ao menos assim depreendemos, sobretudo ao atentarmos à comparação feita por Fanny entre as alegrias da virtude e do vício:

Quão espúrias, quão de mau gosto, quão comparativamente inferiores são as suas alegrias [as do vício] aquelas que à virtude sanciona e cujos sentimentos não estão acima de servir de tempero aos sentidos, porém um tempero do gosto mais elevado, enquanto os vícios são as harpias que contaminam e estragam o banquete. (CLELAND, 1997, p. 296)

Laconicamente, há a pertinência de ressaltarmos o vocabulário presente no romance de John Cleland. Se a pornografia tende a descrever e a minuciar as relações e os órgãos sexuais, lançando mão constantemente de “termos que recaem amplamente sob o domínio de tabus” (MAINGUENEAU, 2010, p. 83), em *Fanny Hill*, embora as relações sexuais sejam narradas e descritas com toda a pujança e zelo necessários para excitar o leitor, os léxicos utilizados pelo autor não remetem à linguagem mais vulgar, ou mesmo crua, geralmente empregados nos textos pornográficos. A descrição ou

nomeação dos órgãos sexuais, por exemplo, se desenvolve por meio de eufemismos⁵, ornamentações ou paramentos linguísticos, num estilo pesadamente garboso e pomposo. Mais uma vez, estamos diante de outra estratégia narrativa, visto que, “em um contexto abertamente sexual, o eufemismo tem como efeito, sobretudo, aumentar a excitação, se for utilizado de modo apropriado” (MAINGUENEAU, 2010, p. 85), podendo ser tão eficaz quanto a palavra tendenciosa, pois “tem o poder de marcar o desejo, mas o faz contornando-o” (MAINGUENEAU, 2010, p. 85). Deste modo, o estilo ornamentado e eufemístico é imbuído de um potencial estimulante e idôneo a excitar tão quanto vemos no estilo mais explícito, sem adorno e mais contundente.

A escrita estilizada e ornamentada caracteriza o discurso ficcional de *Fanny Hill* e lhe concede uma aura de delicadeza e elegância. Às vezes, o estilo assaz pomposo, de tão exacerbado e caricato, pode suscitar o riso ou infundir alguma pecha de comicidade, quando confrontado com nosso olhar tão afastado das conjunturas históricas e sociais concernentes ao romance de Cleland em sua primeira publicação. Seleccionamos uma passagem em especial em que Fanny, num élan de contemplação, descreve o corpo de seu amado Charles, enquanto este dormia. Aliás, a própria descrição do corpo masculino irrompe, na narrativa, como uma peculiaridade, visto que, preponderantemente, é o corpo feminino que se estabelece como cerne do olhar e do desfrute nas narrativas pornográficas:

Eu não podia, sem algum resquício de terror, algumas carinhosas emoções também, deixar de fixar os olhos naquele *trabuco* que, não muito antes, e com tamanha fúria, penetrou, rasgou e quase arruinou aquelas *minhas partes tenras*, que ainda não haviam parado de arder com o efeito de sua ferocidade; mas vejam-no agora! De *crista* caída, a cabeça rubra, só com a *ponta para fora da carapuça*, pousada sobre uma das coxas, quieto, dócil e, por todas as aparências, incapaz das diabruras e da crueldade que havia cometido. Além disso, *o belo tufo de cabelo*, em anéis curtos e macios em torno da base, sua alvura, *as veias ramificadas, a maciez flexível da haste*, enquanto ele repousava, retraído, despojado e encolhido às proporções de uma *pombinha-rola*, languido e surgindo do meio das coxas pela sustentação do seu *apêndice globular*, aquele maravilhoso saco que guarda, como um tesouro, *os néctares da natureza*. (CLELAND, 1997, p. 115-116. Grifos nossos)

⁵ À guisa de exemplo, compilamos alguns dos vocábulos que irrompem no romance para nomear o pênis, funcionando como paramentos ou termos eufemísticos: membro-rei, instrumento, instrumento de ataque amoroso, máquina, ferrão do prazer, mastro, trabuco, favorito cego, espada, cacete, pincel de carne, naco de carne, estandarte, viga deliciosa, varinha mágica, instrumento plenipotenciário, coluna do mais branco marfim raiada de veias azuis, arma desembainhada, entre outros.

A descrição esmerada do corpo de Charles, com ênfase em seu órgão sexual, talvez não incute alguma excitação no leitor coetâneo, acostumado já às representações pornográficas que excitam por meios mais incisivos, mais condizentes com seu contexto históricos, e cercado por uma cultura cujo elemento excitante pode diferir daquilo que estimulava um leitor do século XVIII, quando *Fanny Hill* foi publicada. Quiçá a éfrase em torno do órgão sexual de Charles suscite até risos no leitor contemporâneo; contudo, não podemos preterir o fato de que esse estilo empolado, eufemístico e paramentado incitava e excitava o leitor das primeiras recepções de *Fanny Hill*, e nada impede que ainda estimule os leitores coevos. Em itálico estão os termos ou expressões que representam eufemismos, ornamentos ou estilizações que corroboram a ideia de um vocabulário mitigado e elegante, com uma linguagem que, “com seus desvios, não serve para tornar as coisas menos claras, mas apenas para revesti-las de decência, para oferecer à moral o compromisso do código amoroso” (NOVAES, 1996, p. 177). Embora, como vimos com Maingueneau, os desvios e o estilo eufemístico tendem a acentuar a excitação, dependendo das conjunturas e se empregado de maneira pertinente.

Por fim, conscientes das singularidades de *Fanny Hill*, podemos asseverar que o romance de Cleland não se cerceia a ser uma pornografia frugal ou superficial, não se trata de “pornografia sem valor, cheia de repetições aborrecidas, mas uma combinação única de paródia, divertimento erótico e um conceito filosófico da sexualidade humana absorvido de fonte francesa e adaptada ao ponto de vista burguês da Inglaterra” (WAGNER, 1997, p. 36). Aliás, como vimos no primeiro tópico deste texto, as narrativas pornográficas tradicionalmente tendem a excitar e a estimular seus leitores em um duplo nível: o corporal e o intelectual. *Fanny Hill* se insere nesta categoria de textos filosóficos/pornográficos que, utilizando do sexo como veículo de crítica e de paródia, transgride e subverte a ordem social, a moral, os tabus e desvela a realidade condizente ao momento histórico de uma sociedade, revelando suas idiossincrasias e seus preconceitos, sua forma de organização, contesta a ideologia predominante, além de conceder espaço a uma figura social tão vilipendiada e preterida como a da rameira, legitimando sua existência e a humanizando-a e pondo-a no cerne do cenário social.

Referências

CLELAND, John. **Fanny Hill ou Memórias de uma mulher de prazer**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

DARNTON, Robert. Sexo dá o que pensar. In: NOVAES, Adauto (org). **Libertinos libertários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia**: obscenidade e as origens da modernidade, 1500- 1800. São Paulo: Hedra, 1999.

MAINGENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola, 2010.

MENDES, Leonardo. Biblioteca do solteirão: o livro pornográfico nas conexões Brasil-Europa no final do século XIX. In: ABREU, Márcia (ed). **Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos**. Campinas: Ed. Unicamp, 2016.

NOVAES, Adauto (org). **Libertinos libertários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PLATÃO. **O banquete**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

WAGNER, PETER. Apresentação. In: **Fanny Hill ou Memórias de uma mulher de prazer**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

Recebido em: 12 de janeiro de 2019
Aceito em: 28 de agosto de 2019
Publicado em: dezembro de 2019